

EXPLORAÇÃO SEXUAL NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA: COTIDIANO E PERSPECTIVAS

SEXUAL EXPLOITATION IN CHILDHOOD AND ADOLESCENCE: DAILY LIVES AND PERSPECTIVES

LA EXPLOTACIÓN SEXUAL EN LA NIÑEZ Y EN LA ADOLESCENCIA: COTIDIANO Y PERSPECTIVAS

QUITÉRIA CLARICE MAGALHÃES CARVALHO¹

MIRNA ALBUQUERQUE FROTA²

A exploração sexual na infância e na adolescência consiste em um fenômeno complexo, produzido a partir da concretização de lacunas sociais, econômicas, culturais, jurídicas, políticas e psicológicas. Objetivou-se descrever o cotidiano de crianças e adolescentes explorados sexualmente; identificar os fatores causadores que levam a criança a estar nas ruas; investigar as perspectivas das crianças e adolescentes explorados sexualmente para sua vida no futuro. Pesquisa etnográfica que teve como cenário a Av. Beira-Mar e uma organização não governamental/Fortaleza – Ceará. Os informantes foram crianças e adolescentes na faixa etária de 10 a 16 anos. A coleta de dados se deu através da observação participante e entrevista semi-estruturada. A análise constou da compreensão, documentação e classificação das falas. Emergiram núcleos temáticos: O vagar; A Violência intrafamiliar e Ser rico para ser feliz. Conclui-se que as vítimas desse flagelo são, em sua maioria, crianças e adolescentes economicamente oprimidos, proveniente de famílias massacradas pela miséria, permeadas pelo abuso e pela violência.

UNITERMOS: Exploração Sexual; Criança; Adolescente.

Sexual exploitation in childhood and adolescence consists of a complex phenomenon, emerging from the materialization of social, economical, cultural, juridical, political and psychological gaps. The aim was to describe the daily lives of sexually exploited children and adolescents, and to identify the causing factors that lead the child to stay in the streets; to investigate the sexually exploited children's and adolescents' perspectives for life in the future. Ethnographic research having as a setting the Beira Mar Avenue and a Non-Governmental Organization in Fortaleza, in the State of Ceará. The subjects were children and adolescents within the age group ranging from 10 to 16 years old. The data were collected through participant observation and semi-structured interviews. The analysis consisted of the comprehension, documentation, and categorization of the accounts. Thematic categories emerged: The Wandering; The Intra-familial violence; Being rich to be happy. It has been concluded that the victims of that scourge are mostly economically oppressed children and adolescents, who come from families aggrieved by poverty and permeated by abuse and violence.

KEY WORDS: Sexual Exploitation; Child and Adolescent.

El abuso y aprovechamiento sexual en la infancia y adolescencia es un fenómeno complejo, producido a partir de la concretización de vacíos sociales, económicos, culturales, jurídicas, políticos y psicológicos. El objetivo fue describir el día a día de niños y adolescentes explotados sexualmente. Identificar los factores que actúan como causantes y llevan a los niños a estar en las calles, investigar las perspectivas de niños y adolescentes explotados sexualmente para su vida en el futuro. Es una investigación etnográfica y tuvo como escenario la Avenida Beira-Mar y una Organización no Gubernamental, en Fortaleza – Ceará. Los informantes fueron niños y adolescentes con edad entre 10 a 16 años. La recogida de datos se realizó a través de la observación participante y entrevista estructurada en parte. El análisis constó de comprensión, documentación y clasificación de las conversaciones. Surgieron algunos núcleos temáticos: el vagar; la violencia familiar y ser rico para ser feliz. Se concluyó que las víctimas de ese flagelo son en su mayoría, niños y adolescentes economicamente oprimidos, provenientes de familias masacradas por la miseria, por el abuso y la violencia.

PALABRAS CLAVES: Explotación Sexual; Niños y Adolescentes.

¹ Enfermeira. Integrante do Grupo de Pesquisa Cultura, Educação Popular e Saúde – UNIFOR e do Grupo de Pesquisa Saúde do Binômio Mãe-filho da Universidade Federal do Ceará – UFC

² Enfermeira do Instituto de Prevenção à Desnutrição e a Excepcionalidade – IPREDE. Doutora em Enfermagem. Docente do Mestrado em Educação em Saúde e do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade de Fortaleza – UNIFOR.

INTRODUÇÃO

A exploração sexual na infância e na adolescência consiste em um fenômeno complexo, produzido a partir da concretização de lacunas sociais, econômicas, culturais, jurídicas, políticas e psicológicas. O estudo “Lucrando com o Abuso”, feito pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF¹, revela que estamos dividindo a zona de perigo com os Estados Unidos, Índia e Tailândia, considerados com alto índice de exploração sexual.

Dados da Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA) revelam que 50,75% das denúncias recebidas vêm da região Sudeste e 26,48% do Nordeste, ¼ das ligações referentes ao Estado do Rio de Janeiro, seguindo-se São Paulo, Ceará, Bahia e Distrito Federal. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), no mundo, cerca de 1,2 milhão de crianças e adolescentes são exploradas sexualmente a cada ano². O “disque-denúncia” da Secretaria Especial dos Direitos Humanos recebeu em três meses 3.289 chamadas, das quais 1.047 foram denúncias de abuso sexual, 441 delas de exploração sexual comercial e 1.801 de maus-tratos. Ao longo das 153 rodovias federais do País, existem hoje 650 pontos de exploração sexual infanto-juvenil, identificados pelo serviço de inteligência da Polícia Rodoviária Federal³.

O resultado desse lenocínio estampa os rostos de suas vítimas: gravidez na adolescência, abortos clandestinos, Dst’s/AIDS, jovens usando drogas cada vez mais cedo, vivendo em situação de rua, contemplando a escola como algo distante e sem nexo. Essa problemática dá subsídio para verdadeiras injustiças contra crianças e jovens, que infelizmente o poder público e a sociedade fingem não ver. A Constituição de 1988 preconiza em seu artigo 227 que a família, a sociedade e o Estado têm o dever de assegurar à criança e ao adolescente o direito à vida, à saúde e à alimentação, além do mais, deve resguardá-lo de toda a forma de negligência, discriminação, violência, abuso, crueldade e opressão⁴. Perante a situação exposta e a natureza cruel desse crime contra a humanidade, surgem os questionamentos: O que leva uma criança ou adolescente à prostituição? Desagregação familiar, estupro que muitas vezes tem o próprio pai como autor, miséria, drogas? Que consequências podem surgir para a vítima e sua família?

Portanto, esse fenômeno nos remete a respostas complexas, e a família assume papel decisivo, considerando que uma menina vítima da violência e abuso sexual dentro da própria casa vai às ruas em busca de uma “liberdade” e, para manter-se, usa o próprio corpo, que assume um papel de mercadoria e, como tal, é tratado. Neste contexto porém, a família representa uma unidade de saúde ou de doenças⁵. No caso da exploração sexual, ela, muitas vezes, veicula a violência e a desagregação, visto que a prostituição infantil se resume na busca angustiante de contribuir para a precária renda familiar, adquirir bens de consumo aparentemente distantes de sua realidade ou manter-se nas ruas.

Eles viverem nas ruas é um fato; suas fantasias e anseios de crianças dão, prematuramente, lugar a uma luta desigual pela sobrevivência. O mundo dos adultos, ou seja, suas responsabilidades e anseios, passam a fazer parte da vida de crianças e adolescentes com idade em que deveriam estar brincando de boneca, pega-pega e faz-de-conta. Felizmente, apesar desse infortúnio, a essência de criança não foi totalmente roubada, e não se pode negar que cada uma traz consigo o sonho de uma vida melhor, mesmo que os fatos insistam em depor contra isso. Abalamos-nos e ficamos indignados com esse crime, todavia isso não desperta uma sensibilidade crítica em busca de resolubilidade, afinal o cidadão acredita que não está envolvido nessa realidade, o que na verdade não passa de uma visão reducionista e unilateral. A exploração sexual traz consigo o imaginário da droga, dos distúrbios de comportamento e, conseqüentemente, a violência urbana, comprometendo o meio social em que todos estamos diretamente envolvidos. Temos obtido verdadeiras conquistas que depõem a favor da evolução e nos mostram quão grande é o potencial da humanidade em buscar a perfeição e a precisão. Perante verdadeiros progressos tecnológicos, pode alguém declarar que o Estatuto da Criança e do Adolescente representa um sonho impossível?

É válido ressaltar, que a criança e o adolescente fazem parte de grupos considerados fragilizados, que implica a afirmativa de que o adulto é diretamente responsável por eles; pelas conseqüências que o abuso sexual acarreta na vida de suas vítimas, na maioria das vezes irreversíveis para o seu desenvolvimento físico, psíquico, social e moral. Entre elas estão: distúrbios de comportamento, procedimentos anti-

sociais, infecções por doenças sexualmente transmissíveis, baixa auto-estima, uso de drogas, entre outros.

Dispomos de um chamado social que nos delega a responsabilidade de educar, priorizando medidas que busquem uma vida menos violentada e mais digna. Para tanto, se faz necessário conhecer a dinâmica que dá significado à vida dessas crianças e adolescentes em estado de prostituição, seja em casa ou nas ruas. É imprescindível que tenhamos o cuidado de não nos tornarmos insensíveis a essa realidade estampada nas esquinas das grandes cidades. Essa afirmativa implica ter consciência de que, antes de assumir a condição de profissionais da saúde, é necessário assumir a de seres humanos, lutando a favor do resgate da cidadania de crianças e adolescentes. A conscientização está vinculada à educação que prioriza a prática da liberdade, um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade⁶. O fenômeno da exploração sexual infanto-juvenil está destruindo vidas. A quem pertence essas vidas? Às crianças e jovens que são diariamente violentadas, exploradas e prostituídas, vivendo em total miséria clamando por uma reflexão na postura dos gestores, profissionais da saúde e principalmente da sociedade.

Diante do exposto, o referido estudo objetivou: descrever o cotidiano de crianças e adolescentes explorados sexualmente; identificar os fatores causadores que levam a criança a estar nas ruas; investigar as perspectivas das crianças e adolescentes explorados sexualmente para sua vida no futuro.

MATERIAL E MÉTODOS

Optamos pela etnografia, buscando apreender, a partir de membros de um grupo cultural, sua definição e visão do mundo, assim como descobrir como os informantes conceituam seu universo e a relação com os significados de suas ações e eventos que ocorrem em seu cotidiano, ou seja, o referencial do estudo baseia-se principalmente na experiência vivenciada no contexto cultural, sem a imposição prévia de temas⁷⁻⁹.

A pesquisa realizou-se em dois espaços, o primeiro na avenida Beira-Mar, no Município de Fortaleza – CE, um dos principais pontos turísticos da Cidade. Em seus 4km de extensão, é o local de maior concentração de hotéis e

pousadas, oferecendo aos turistas conforto e praticidade às portas de sua hospedagem, sendo, dessa forma, cenário onde transitam vários atores sociais envolvidos na exploração sexual de crianças e adolescentes: agenciadores do sexo, motoristas de táxi, donos de bares e casas de *shows*, donos de *flats*, locadores de automóveis e de empreendimentos hoteleiros, policiais e assim por diante¹⁰.

O segundo foi em uma organização não governamental – ONG, que coordena o Fórum Cearense de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. Fundada em 1996, é uma entidade sem fins lucrativos, de utilidade pública, que tem a missão de possibilitar às crianças e adolescentes em situação de rua subsídios para a construção de sua cidadania a partir da valorização de suas potencialidades; proporcionar o resgate de vínculos familiares quebrados ou rompidos, permitindo a essas crianças e adolescentes a oportunidade de escolher um novo projeto de vida. Dispondo de uma área de 720m² para realização de oficinas, teatros, jogos, bandas de lata, higiene e alimentação, conta ainda com o apoio de uma equipe multidisciplinar.

Os informantes do estudo foram uma criança de 10 anos e seis adolescentes na faixa etária de 12 a 16 anos, todas do sexo feminino. Foi obedecida a definição do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)¹¹, que conceituam ser criança a pessoa com até doze anos de idade e adolescente entre 12 e 18 anos de idade. Restringimos o número de entrevistadas, obedecendo ao critério de saturação, cujo número em uma pesquisa qualitativa, torna-se suficiente, quando os últimos informantes fornecem dados semelhantes aos anteriores¹².

A coleta de dados realizou-se no período de agosto a outubro de 2004. A princípio fora estabelecido um contato com a coordenadora da instituição, tendo, dessa forma, o consentimento para a realização do estudo. A primeira aproximação com as crianças e adolescentes foi com o acompanhamento dos educadores de rua da ONG, utilizando o lúdico (lápis de cor, massa de modelar, dominó), no intuito de chamar a atenção e adquirir a confiança das crianças que vagueiam pela avenida Beira-Mar e que são acompanhadas pela Instituição. Assim nos sentávamos no chão buscando estabelecer uma relação de respeito mútuo. Nesse momento, eram convidados a participar da programação da Instituição, com acesso a banho, refeição, brincadeiras, histórias.

Acompanhava-se a criança em todas as atividades realizadas na instituição, em dado momento demos início às entrevistas, ressaltando que foram realizados oito encontros.

Foram aplicadas as técnicas de observação participante, realizada mediante contato direto das pesquisadoras com o fenômeno observado, tanto na Avenida como na Instituição, permitindo-nos obter informações acerca da realidade dos atores sociais em seu próprio cenário¹³. A entrevista constou de três questões norteadoras: O que você faz durante o dia? O que levou você a morar nas ruas? Quais são seus planos/sonhos para o futuro? Foram respondidas pelas 7 participantes, caracterizadas pelas letras A1, A2, ...A7. Os dados foram analisados, sendo a princípio estabelecida a sua compreensão. Os indicadores confirmaram os pressupostos da pesquisa, e assim, foi possível compreender significativamente toda a dinâmica que envolve o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural de que faz parte, emergindo assim as categorias temáticas¹⁴.

O rigor ético esteve presente em todo o processo do estudo, em consonância com a Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, conforme termo de consentimento assinado pela responsável da organização não governamental visto que, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA,¹¹ Capítulo II – Das entidades de atendimento Seção I – Disposições Gerais, Parágrafo Único – “O dirigente de entidade de abrigo é equiparado ao guardião, para todos os efeitos de direito”. A pesquisa incorporou os referenciais básicos da Bioética – consoante sugere a citadas Rs.n:196/96, do C.N.S. – M.S – Autonomia, não-maleficência, beneficência e justiça. O referido estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza – UNIFOR.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio do agrupamento, descrição, documentação e classificação das falas, foram identificados núcleos temáticos, emergindo as seguintes categorias: O vagar; A violência e abuso sexual intra-familiar; e O Ser rico para ser feliz. Partindo da categorização dos dados, foi possível descobrir a saturação de idéias e os significados similares e diferentes.

Na categoria **O vagar**, percebemos que estar nas ruas faz parte da vida dessas crianças desde a tenra idade. Oriundas

de famílias habitantes de minúsculos barracos, que muitas vezes não têm um cobertor para separar os corpos¹⁵, contemplam nas ruas a extensão de suas casas, o que gera a frequência de suas perambulações. Essa realidade da periferia acarreta para seus atores consequências cruéis, concretizadas por meio do ócio do cotidiano. A Organização das Nações Unidas – ONU define uma criança de rua como: menino ou menina para qual a rua (incluindo residências e terras não ocupadas) tenha se tornado sua residência fixa habitual e/ou sua fonte de subsistência, estando inadequadamente protegido¹⁶.

Uma vez tendo vivenciado a situação de rua, a criança tende a ali permanecer, cada vez mais, partindo da premissa de que moram na periferia, gerando assim um custo de transporte. A rua torna-se a válvula de escape, quando já se perderam referências como escola, trabalho e família. Portanto, é nesse contexto que a criança vai aprender a sobreviver e refazer os vínculos afetivos¹⁵. Vale ressaltar que, na maioria das vezes, os pais, seja por negligência ou exaustão, não tomam medidas efetivas para que os filhos permaneçam em seus lares, o que favorece o eventual afastamento da vida familiar.

Portanto, a criança que vivencia a situação de rua contempla utopicamente a “liberdade”; a rua seduz e escraviza, sendo tudo permitido e nada cobrado. Essa realidade chega aos moradores como um achado essencial à vida. Significa não seguir regras, ser dono de sua existência sem preocupar-se, ou seja, uma pseudo-liberdade. Nesse caminho obscuro, falta perspectiva e sobra desafeto. A educação assume um papel meramente coadjuvante. Segundo relatos das entrevistadas, a evasão escolar é uma constante, pois, na busca de ganhar subsídios para uma renda familiar satisfatória, deixam de frequentar a escola e passam a vagar nas ruas da cidade de Fortaleza.

Fico o dia todo nas ruas, de vez em quando vou em casa, já fiquei três dias direto na Beira-Mar, meu rosto ficou todo queimado do sol. (A1)

Peço dinheiro, às vezes quando ninguém me dá, peço comida. (A4)

Antes de engravidar, passava o dia na rua, agora tenho medo pelo meu bebê. (A5)

O Governo do Estado do Ceará, no ano de 1994, realizou uma pesquisa que constatou a existência de 5.962

menores entre 5 e 17 anos. Apesar de manterem vínculo com a família, freqüentavam semáforos, praças, a orla marítima e outros locais, no intuito de complementar a renda familiar¹⁶. Nesse período, ficou evidenciada a existência de um grupo de 184 crianças e adolescentes sem vínculo familiar, vivendo nas ruas, dependendo da mendicância para sobreviver, caracterizando o cotidiano das crianças de rua que são muitas vezes sexualmente exploradas.

Tendo em vista que esta realidade assola não somente o Ceará, mas o País inteiro, foi concebido pelo Governo Federal o Programa “Criança Fora da Rua, Dentro da Escola,” que tem como objetivos retirar as crianças e os adolescentes da rua, reinserindo-os em sua comunidade e contexto familiar, e dessa forma, combater o trabalho e a exploração infantil; introduzir e manter essas crianças e adolescentes na escola bem como programas sócio-educativos, garantindo o aproveitamento do aprendizado¹⁶. Sabe-se, portanto, que, para atingir esses objetivos, são necessárias, melhorias nas condições de vida de famílias carentes, viabilizando um ambiente saudável e consequentemente favorável para o desenvolvimento educativo dos filhos. Infelizmente esses programas demonstram fragilidade, pelo fato de não existir por parte dos governos estadual e federal a prioridade na reeducação da família e da comunidade.

Na categoria **violência e abuso sexual intra-familiar**, foi possível caracterizar a desagregação familiar, permeada por violência e abandono. Essa constatação aponta o fator que leva meninas e, adolescentes para o eixo das ruas e consequentemente, da exploração sexual, ou seja, uma estrutura familiar fragmentada, podendo vir a ser o motivo de ir para a rua.

Crianças e adolescentes têm experiências dolorosas, sendo vítimas de distúrbios sexuais de homens que abusam delas em vez de protegê-las, pois o algoz dessa história de dor, muitas vezes, é o próprio pai ou padrasto. Os fatores que alimentam exploração sexual comercial são: abuso sexual intrafamiliar e/ou pessoas em quem a criança confia; as diferenciações dos papéis de gênero, educando o menino para ser o caçador e a menina para ser a caça; a hierarquia do poder financeiro; a ilusão da cultura masculina de resgate de juventude, onde buscam parceiras em idade cada vez mais jovens; a categoria raça, cultuando o mito da sexualidade de meninas negras e mestiças¹⁷.

A criança constitui o elemento familiar mais fragilizado, dentro de suas expectativas. As figuras paternas (incluimos aqui a figura do padrasto) e materna representam muito mais do que provedores do sustento pois, simbolizam protetores, pessoas em quem podem confiar acima de qualquer suspeita. São verdadeiramente heróis, sempre prontos a fazer um carinho desinteressado, a dar a vida se possível em prol da (o) sua (eu) filha (o) amada (o). Infelizmente, no entanto, o infortúnio vem mostrar que esse sonho da família amorosa é mais uma peça que o destino pregou; que muitas vezes o carinho pode ser interesseiro e maldoso, pois alguém em quem a criança ama e confia se aproveita de sua ingenuidade para fins sexuais. O amor de mãe, muitas vezes presente, infelizmente às vezes é míope, tornando-se conivente com a obscura realidade do abuso intrafamiliar. Ressalta-se, portanto, que 60% dos abusos de crianças e adolescentes são praticados por pessoas da própria família e 69,1% dessas vítimas têm entre 0 e 11 anos³. Essa realidade é caracterizada nas falas das informantes.

Um amigo do meu pai pegou meu irmão de sete anos, colocou ele na cama e ficou fazendo “um monte de coisa imoral com ele” nosso pai só acreditou quando viu e mesmo assim não fez nada, fomos embora com medo. (A1)
Precisava de dinheiro para comprar minhas coisas. (A3)

Meu padrasto vivia me alisando, quando eu tinha nove anos acordei de madrugada com ele tirando minha roupa, contei pra minha mãe e ela não acreditou, então fugi. (A5)

Meus pais se separaram, minha mãe se juntou com “um bicho velho” que vivia batendo em nós duas, toda vida que chegava bêbado. (A6)

Diante do exposto, consideramos que o turismo sexual é uma das opções que esses menores encontram para se manterem nas ruas, alimentando a esperança de uma vida melhor, na utopia de esquecer momentos de violência com sua gênese na âmbito familiar¹⁸. Salientamos que não há uma generalização quanto aos turistas que visitam nosso município, nos referimos aos que se encaixam no perfil do explorar sexualmente de crianças e adolescentes

Ao falar de sexo turismo, inevitavelmente, um grito cultural ecoa nas entrelinhas desse contexto; essa relação

mercantilista entre esses dois universos diferentes, mediados entre outras coisas, pela cultura, pois cada uma das pessoas envolvidas, seja explorador (a) ou explorado (a), participa desta relação com a bagagem de suas próprias heranças históricas e culturais. De um lado homens, de origem, na sua maioria, sulista ou européia com poder aquisitivo suficiente para “comprar sonhos”; do outro lado, meninas, esmagadas pela miséria, advindas de um núcleo familiar massacrado pelo alcoolismo, relacionamentos incestuosos e distúrbios comportamentais. Fatos como estes dão manutenção para o comportamento machista culturalmente estabelecido em países em desenvolvimento.

Aliadas à realidade, temos outras diferenças revestidas dessa noção de superioridade/inferioridade, tais como as relações de classes sociais e gênero. As culturas machistas, escravocrata e burguesa vêm determinando o sexo, a raça e a classe social das crianças e adolescentes explorados e incluídos no mercado do sexo¹⁷.

Em **ser rico para ser feliz**, as informantes revelaram que seu maior sonho está relacionado ao desejo de possuir bens materiais. Construímos para os jovens um universo de ilusões onde o poder impera e os valores mais puros são substituídos pelos materiais¹⁹.

Com a ascensão da classe burguesa, foi evidenciada uma gritante valorização do capitalismo. Seus admiradores pregavam o “evangelho” do materialismo, o “ser” deu lugar ao “ter”. Essa filosofia foi apresentada às crianças e adolescentes como um estilo de vida, uma ideologia, principalmente os jovens em condições extremas de *apartheid* social, que vivenciam a busca da riqueza, como fuga do vazio. Assim sendo, sonham com um cotidiano livre de traumas e infelicidades, buscando a resolução de todos os problemas de ordem não só financeira como também familiar, conforme caracterizado nas falas:

Morar em uma casa bem grande, com móveis bonitos, levar minha mãe e meus irmãos para morarem comigo. (A1)

Ser muito, muito, muito rica. (A3)

Ter um apartamento na praia, e só vai entrar nele, quem eu gosto. (A4)

Se eu tivesse dinheiro não estava vivendo esse sofrimento, já teria um monte de coisa pro meu bebê, nem roupa de “bucha” eu tenho. (A5)

As informantes demonstram que compartilham a idéia de que a felicidade é diretamente dependente do recurso financeiro, como diz a máxima: “dinheiro não traz felicidade; manda buscar.” Surge aqui um questionamento: estamos preparados para pensar diferente? Faz-se necessário um esclarecimento: não defendemos ou pregamos a filosofia da miséria, aliás, ela deve ser repudiada. O que está sendo posto em discussão é a idolatria a um modo de vida que utopicamente traz a essência da felicidade; uma carência de cunho sentimental, que infelizmente essas crianças e adolescentes vítimas de exploração sonham suprir com recursos financeiros, o que é, no mínimo, preocupante, pois o tão evidenciado capitalismo alavanca a relação mercantilista que o comércio sexual enseja. Essa busca pelo mundo mágico que o dinheiro proporciona tem raízes profundas na cultura de um país permeado pela desigualdade social como o Brasil.

Para que essa realidade ganhe outra face, faz-se necessário que a sociedade juntamente com o Poder Público, proporcionem a esses jovens uma vida digna (isso não implica diretamente bases de riqueza), que eles vivenciem a possibilidade de ter seus direitos respeitados, ou seja, educação, moradia, lazer, alimentação, e assim por diante; tendo possibilidade de constatar que a tão sonhada riqueza tornou-se pequena diante de uma estrutura familiar plena de afeto, respeito, dignidade, sentimentos que a miséria e o abandono oprimem, contribuindo para a fragmentação de milhares de famílias que têm suas crianças e adolescentes envolvidos nessa chaga conhecida como exploração/abuso sexual.

Vale ressaltar que algumas informantes negaram fazer “programas”, porém a situação vivenciada, segundo amigas e a Instituição que faz acompanhamento das meninas, depõem contra essa afirmativa, por conhecerem de perto a realidade de cada uma delas. Foi constatado que a negativa é uma forma de proteção, ou seja, um muro construído para fuga, levando em consideração o fato de que elas se acham imorais e sujas. Esse fato torna a exploração sexual infanto-juvenil ainda mais cruel e irracional, pois, além de destruir a vida de suas vítimas, acarreta para estas a culpa de infortúnio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vítimas desse flagelo que é a prostituição, em sua grande maioria, são crianças e adolescentes econômica-

mente oprimidas, provenientes de famílias massacradas pela miséria, permeadas pelo abuso e pela violência. É no núcleo familiar que se aprende e incorpora valores éticos, onde são vivenciadas experiências afetivas, representações, juízos e expectativas, ou seja, retrato do que seremos quando adultos, norteando o destino. Essas crianças e adolescentes contemplam na exploração sexual comercial uma forma de sobrevivência econômica e inserção no mercado de consumo.

No Brasil, rege a cultura de que o corpo feminino foi construído como objeto à disposição do desejo masculino. A população adotou certa tolerância social quanto à venda do corpo de meninas e mulheres, como alternativa possível para a sobrevivência, gerando assim uma relação mercantil. Com isso as grandes cidades do País tornam-se terrenos férteis para o turismo sexual, viabilizando assim, o crescimento da exploração sexual infanto-juvenil. Defendemos a posição de que é possível ter um outro turismo, ou seja, construído de forma humana e democrática, que respeite o ambiente natural, patrimônio material e, principalmente, o pessoal. A concretização do turismo sexual ocorre não somente pela presença de meninas nas ruas, esquinas ou demais lugares, mas também pela atuação de uma política que incrementa a infra-estrutura física e econômica e é omissa no que se refere ao elemento humano, em especial, a população local, tornando forte a máquina do processo de exclusão social de vários segmentos.

Com os olhos humanizados, podemos ver crianças e adolescentes, que sonham, brincam e que apesar dos duros golpes da vida, querem ser cantoras, dançarinas, mães e acima de tudo, possuir uma família, ou, quem sabe, juntar os pedaços que ainda sobraram. Portanto, a visão adultocêntrica, de manipular o destino de crianças e adolescentes conforme sua vontade, apodera-se da dignidade desses menores, manipulando essa troca desumana que é a exploração sexual. Sendo assim, essa clientela fecha-se no mutismo, no silêncio, vivenciando sentimentos de perseguição, depressão e complexo de inferioridade. A criança e o adolescente são seres em decurso de desenvolvimento, não dispondo, portanto, de condições biopsicossociais para desenvolver esse tipo de atividade laboral, o que nos leva a afirmar que são prostituídas e não prostitutas, algo que a profunda degradação humana não consegue enxergar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Niimi R. Indicadores sobre crianças e adolescentes [online]. [Acesso em 2004 ago 23]. Disponível em: <<http://www.unicef.org/brazil/indicadoresenoticias.htm>>.
2. Monteiro LF. Violência sexual contra crianças e adolescentes.[online]. [Acesso em 2004 set 10] Disponível em: <<http://www.abrapia.org.br/homepage/documentação/html>>.
3. Servidão afeta 10 milhões de crianças [online]. [Acesso em 2004 set 16]. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br>>.
4. Constituição(BR) (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal; 1988.
5. Pinheiro AKB, Varela ZMV. Desmame precoce X cotidiano familiar de nutrízes adolescentes. In: Barroso MGT. Organizador. Saúde da família: abordagem multireferencial em pesquisa. Fortaleza: UFC; 2002.
6. Freire P. Conscientização: teoria e prática da libertação. 3ª ed. São Paulo: Editora Moraes; 1980.
7. Barroso MGT, Souza LJES, Frota MA. Etnografia e enfermagem: uma experiência da pós-graduação em enfermagem – Universidade de Federal do Ceará. Rev RENE 2001 jul/dez; 2(1): 15-24.
8. Frota MA, Barroso MGT. Desnutrição infantil na família: causa obscura. Sobral (Ce): Edições UVA; 2003
9. Vieira NFC, Vieira LJES, Frota MA. Reflections on the ethnographic approach in three research studies. Rev Latinoam Enfermagem 2003 set/out; 11(5):658-63.
10. Barroso MGT, Vieira NFC, Varela ZMV. Educação em saúde: no contexto da promoção humana. Fortaleza (Ce): Edições Demócrito Rocha; 2003.
11. Ministério da Ação Social, Ministério da Justiça, Ministério do Trabalho e Ministério da Educação(BR). Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília (DF), 1990.
12. Polit DF, Hungler, BP. Fundamentos de pesquisa em enfermagem. 4ª ed. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 2003.
13. Leopardi MT. et al. Metodologia da pesquisa na saúde. São Paulo (SP): Pallotti; 2001.
14. Minayo MCS. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 19ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 2001.

15. Ribeiro MO. A Rua: um acolhimento fala às crianças que nela vivem. *Rev Latinoam Enfermagem* 2003 set/out; 11(5): 622-9.
16. Soares APM. Quem são as crianças de rua e a juventude abandonada? [online]. [Acesso em 2004 nov 1]. Disponível em: <<http://www.federativa.bndes.gov.br>>.
17. Vaz M, Faleiros E. Exploração sexual comercial [online]. [Acessado em 2004 nov 1]. Disponível em: <<http://www.violenciasexual.org.br>>.
18. Câmara Municipal de Fortaleza(CE). Comissão Parlamentar de Inquérito: investigação sobre a prática de turismo sexual em Fortaleza. Fortaleza: Câmara Municipal de Fortaleza; 2002.
19. Dolto FA. Causa dos adolescentes: uma nova abordagem das inquietações dos adolescentes numa linguagem acessível a jovens e adultos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1990.

RECEBIDO: 11/03/05

ACEITO: 26/08/05